



## A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Prof.<sup>a</sup> Ms. Rosa Virgínia Wanderley Diniz<sup>1</sup>

### Resumo:

O artigo discute a contribuição das disciplinas filosóficas para a formação do educador a partir de estudo de caso visando verificar a percepção discente a respeito de tal contribuição, sendo analisados os dados coletados.

Palavras-chave: disciplinas filosóficas, percepção discente, formação do educador.

### Introdução

O presente estudo apresenta uma reflexão sobre de que forma as disciplinas de filosofia, constantes na faculdade de pedagogia, podem contribuir para a formação do educador.

Este questionamento se justifica pois há “a necessidade do professor em refletir permanentemente sobre suas práticas e transformar-se num constante experimentador” (AMARAL, 2010) e, neste contexto - na docência das disciplinas de filosofia, em um curso de pedagogia - pensar minha ação docente se tornou eminente.

Além disto, Saviani (1982) também impôs questão de igual matriz:

Em que a filosofia poderá nos ajudar a entender o fenômeno da educação? Ou, melhor dizendo: se pretendemos ser educadores, de que maneira e em que medida a filosofia poderá contribuir para que se alcance este objetivo.

Desta forma, iniciou-se a observação de como, e se, as disciplinas em questão contribuíam para a formação destes estudantes na perspectiva de educadores e, tomando por base a classificação de Gauthier (1998 *apud* AMARAL, 2010) a respeito dos saberes que deveriam ser de domínio do professor, e seu comentário sobre o fato de que os saberes da ação pedagógica<sup>2</sup>, “legitimados pelas pesquisas, são atualmente o tipo de saber menos desenvolvido no repertório de saberes embora o mais necessário à profissionalização do ensino”.

<sup>1</sup> Professora adjunta dos cursos de graduação e superiores em tecnologia e coordenadora do Núcleo de Pesquisas Jurídicas e Interdisciplinares das Faculdades Max Planck.

<sup>2</sup> Segundo GAUTHIER (1998 *apud* AMARAL 2010) este é saber experiencial dos professores a partir do momento em que se torna público e que é testado através das pesquisas realizadas em sala de aula.



Assim foi avaliada a percepção dos alunos do curso de pedagogia em relação à contribuição das disciplinas de filosofia em sua formação como educadores.

Além dos argumentos anteriores, tal análise se justifica uma vez que os alunos em questão, em sua maioria, não tiveram contato, no ensino médio, com disciplinas cujo objetivo tenha sido o exercício da reflexão, a prática do pensar ou orientadas para a formação do sujeito, sendo estas competências necessárias à prática docente.

A hipótese inicial foi de que os estudantes de pedagogia não observam as disciplinas filosóficas como importantes na sua formação como educador e, portanto, haveria pouca contribuição delas.

Para o estudo optou-se por realizar entrevistas com alunos que já houvessem concluído tais disciplinas na graduação, tendo sido estas ministradas por um mesmo professor, com bom indicador na avaliação institucional, visando equalizar a matéria ministrada, por estas razões escolhi como objeto de estudo duas turmas, que cursaram as disciplinas, entre 2012 e 2013.

O método para coleta de dados foi a utilização de questionário estruturado, não identificado, enviado por e-mail<sup>3</sup>, com questões que versavam a respeito do contato com as disciplinas e a contribuição destas para a formação do educador, conforme anexo, sendo os dados coletados analisados como seguem.

### **Dificuldades Filosóficas**

Oliveira (2004) apresenta um exemplo emblemático da presença da filosofia no cotidiano infantil, citado neste trecho:

Beatriz tem 3 anos. Um dia tem um diálogo interessante com a mãe:

- Tudo tem um “penso”, né, mãe?

- Como assim, filha?

- Um “penso”, mãe! – disse Beatriz, parecendo indignada com a “ignorância” da mãe. Tem um penso para brincar, tem um penso para falar, tem um penso para desenhar... Todo mundo tem um “penso”.

Este pequeno diálogo aponta para a necessidade do pensar e, para além disto, a necessidade de se estimular o pensar desde muito precocemente aproveitando toda

---

<sup>3</sup> O questionário era enviado por e-mail para os representantes de sala, que receberam os questionários preenchidos e os arquivaram em pen drive para garantir o anonimato dos respondentes.



a liberdade existente dentro do universo infantil para não deixá-los sucumbir à passividade sócio tecnológica.

Espera-se, portanto, que a escola seja parte deste estímulo, como espaço de criatividade e exercício do pensar. Mas, como possibilitar esses espaços sem educadores pensantes preparados para ‘pensar com’, ‘pensar sobre’, ‘pensar porquê’. Neste sentido, explana Falcão (1989):

O profissional que fornece matéria para o trabalho da mente dos alunos precisa ser bem preparado, o que ele conseguirá informando-se, debatendo, observando, experimentando, comparando, analisando, encontrando problemas e soluções, soluções e problemas – estabelecendo uma visão-do-mundo, da qual decorrerá uma visão da educação.

Eis que surgem os estudos de filosofia, dentro dos cursos de pedagogia para preparar o futuro docente à reflexão; sendo que, a respeito desta, decreta Oliveira (2004), “é hoje mais necessária para enfrentar o obscurecimento do real do que já o foi em qualquer outra época”.

Para que haja um fomento ao pensamento e consciência crítica é imperativo que se formem pensadores em todos os níveis, ainda que por meio do resgate do exercício do pensar perdido ou sufocado, seja pelo ensino bancário, seja por anos de ditadura militar ou pelo consumo da *american life*. Ou seja, preparar nossos pedagogos é imperativo! Tanto para a prática da reflexão constante e profunda, quanto para discussão de contextos e observação sócio crítica e construtiva como agente de mudanças não apenas sociais mas também subjetivas, no e para o sujeito aprendente.

Amaral (2010) alerta para o necessário cuidado em não transformar os pedagogos em sujeitos aptos a refletir a educação sem que se tornem aptos a fazer educação, corroborando os vários desafios ao educador apresentados por Oliveira (2004) que aduz:

Precisamos estar preparados para a complexidade e as ambiguidades, para saber discernir o real do fabricado, o que liberta e o que escraviza, o que educa e o que deseduca, o que serve ao homem e o que vai contra ele.

Nascimento (2004) inicia seu texto, que contrapõe filosofia e autonomia, explorando a tendência politizada da LDB/96, quando, em seus artigos 2º e 35º,

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

### Anais Eletrônicos



propõe a educação para o exercício da cidadania e aprimoramento do sujeito com formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico. Sendo estes atributos vocacionados à filosofia, conforme comentam Aranha e Martins (1992):

A filosofia é um modo de pensar, é uma postura diante do mundo. A filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo. Ela é, antes de mais nada, uma prática de vida que procura pensar os acontecimentos além da sua pura aparência. Assim, ela pode se voltar para qualquer objeto.

[...] é um jogo irreverente que parte do que existe, critica, coloca em dúvida, faz perguntas importunas, abre a porta das possibilidades, faz-nos entrever outros mundos e outros modos de compreender a vida.

No mesmo sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais (ME, 2005, 2006) determinam que a formação do educando em pedagogia deve:

propiciar, por meio de investigação, reflexão crítica e experiência no planejamento, execução, avaliação de atividades educativas, a aplicação de contribuições de campos de conhecimentos, como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural. [...]

Além disto, segundo as mesmas diretrizes (ME, 2005, 2006), o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto, entre outras coisas, a:

atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária [...]; reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais e afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas [...] identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras; demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras [...]

Assim, existem respaldos legais para as disciplinas filosóficas em função de sua necessidade pedagógica na construção docente, deste panorama se conclui a necessidade de provocar no graduando em pedagogia a reflexão constante sobre valores, construção de consciência e a capacidade de “pensar certo”, conforme propõe Edgar Morin (2003).



Valores estes que, como muito bem apontado por Nascimento (2004), tendem a nos ser apresentados como absolutos, como se houvesse essa possibilidade de valores incontestes na experiência humana.

Valores universais parecem baseados na ideia de que exista uma realidade ou substrato que garanta a justiça desses valores para todos os homens, isto é, pressupõe uma ideia, um modelo, um ideal de homem. E a história tem nos mostrado o quão perigoso é adotar modelos, que criam parâmetros da mesma forma que exclusão. Aqueles que não se “encaixam” neste modelo são logo tratados como desviados, anormais, criminosos, aqueles que precisam ser corrigidos, castigados, ensinados.

Imagine-se, pois, um educador que não tenha adquirido habilidades de reflexão e construção de senso crítico para a questão dos valores, quão desastrosa pode ser sua intervenção no ambiente heterogêneo da escola, por despreparo no refletir e pensar. Amaral (2010) ressalta, ainda, que preocupação com a internalização de valores, como a ética profissional, não pode deixar de ser objeto de preocupação e trabalho intenso por parte dos formadores de formadores.

Em contraponto, Souza (2004), refletindo sobre o educando liberto pela prática filosófica, discorre:

Quando o aluno vai se tornando capaz de avaliar o mundo em que vive como um todo orgânico, é a partir daí que ele passa a ocupar crítica e racionalmente seu espaço social é então que ele começa a questionar os valores que condicionam sua cultura, a encontrar sua própria identidade, sentindo-se como alguém que tem o poder de mudar e transformar o seu meio, para que haja, para todos, vida em plenitude, livre e responsável.

### **Descrição do objeto de estudos**

O ensino da disciplina filosofia nos cursos de pedagogia, pelas diretrizes em comento deve respeitar a autonomia das instituições (ME, 2005, 2006), e, geralmente, ocorre em dois momentos dentro do primeiro ano de formação. Assim, o discente é apresentado ao contexto geral da filosofia, seus principais expoentes e suas teses, e da conscientização de que uma reflexão filosófica seja útil à formação do indivíduo.

Discute-se tanto a importância da filosofia quanto a ética aristotélica, buscando, com isso, provocar no discente uma reflexão sobre como se dá a construção do pensamento ético-filosófico da antiguidade para depois contrapor com a formação da



ética medieval com seus exacerbados valores cristãos para tentar, ao final, esclarecer as mudanças surgidas com as ideias iluministas.

*A posteriori*, ocorre a discussão mais específica, qual seja, sobre filosofia da educação, que busca a reflexão filosófica da prática docente, visando mostrar o que são e como se formam os valores e de que maneira se pode instrumentalizar a prática docente para a construção de valores socioeducativos fraternos.

Para realizar a avaliação pretendida, qual seja, a percepção do aluno do curso de pedagogia em relação à contribuição das disciplinas de filosofia em sua formação como educador, foi realizado levantamento de dados, a partir de entrevista estruturada, anônima, enviada por correio eletrônico aos representantes de sala.

O público alvo foram os estudantes do curso que houvessem concluído as disciplinas de filosofia, nos anos de 2012 e 2013, uma vez que em todo período estas foram ministradas pelo mesmo docente, numa tentativa de homogeneizar a matéria ministrada; além disto, o professor ministrante, manteve, nas avaliações discentes institucionais da Comissão Permanente de Avaliação (2012, 2013), deste período, pouca variabilidade na avaliação (intervalo entre 4,73 – 4,69)<sup>4</sup>, tudo isto visando garantir a maior imparcialidade do estudo.

A faculdade, de onde se originaram os dados, é uma instituição privada, com prática de vestibular continuado, e está instalada na cidade de Indaiatuba, na macrorregião de Campinas, sudeste do Brasil, numa região de alto IDH segundo dados do Atlas Brasil (PNUD, 2010), e conta com, aproximadamente, 1.600 alunos com previsão de expansão para 5.000 alunos, a partir de 2014, segundo Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC, 2013).

No curso avaliado as disciplinas filosóficas são denominadas: filosofia geral e filosofia da educação e ocorrem no primeiro ano do curso, sendo ambas disciplinas de 40h/a e apresentam, respectivamente, as seguintes ementas:

A Filosofia e suas correntes. Domínios da Filosofia: Lógica e Teoria do Conhecimento, Ética, Estética, Filosofia Social [...]

---

<sup>4</sup> A Comissão Permanente de Avaliação é o canal designado pelo SINAES/MEC (Lei nº 10.861/2004), com as atribuições de conduzir os processos de avaliação internos das instituições de ensino superior além de sistematizar e prestar as informações Inep. Na instituição-campo os temas de análise são: conteúdo do professor, apresentação do plano de ensino, didática, adequação das avaliações, didática, relacionamento e atividades práticas propostas, sendo o critério de avaliação o intervalo entre 0 à 5.



A dimensão ético-política da educação. Fins e valores na prática educacional. As dimensões histórico-sociais da educação. Estado, Sociedade e Educação. Tendências e correntes da educação brasileira. O pensamento pedagógico latino-americano. Perspectivas atuais da educação. (PPC, 2013)

#### **Análise dos dados e resultados**

Foram recebidos 21 questionários, válidos, respondidos, anônima e voluntariamente, este número representa 33,3% dos alunos que estudaram as disciplinas de filosofia, na instituição em questão, dentro do curso de pedagogia, entre os anos de 2012 e 2013, a partir deles foram levantados os dados a seguir comentados.

Conforme se observa no questionário em anexo as sete primeiras perguntas<sup>5</sup> visam traçar um perfil geral do estudante e qual sua relação inicial com a filosofia; sendo as demais referentes à experiência do aluno com a disciplina dentro da faculdade de Pedagogia.

A amostra coletada é formada completamente por pessoas do gênero feminino, cuja faixa etária apresentou variação entre 18 e 45 anos, destas 95% estudaram em escola pública e 35% tiveram contato com a disciplina de filosofia já no ensino médio.

Dos 65% que tiveram contato com a disciplina de filosofia apenas na faculdade, 12,5% apontam ter tido contato com disciplinas que estimulassem o pensar – portanto 56,8% de toda a amostragem não teve nenhuma experiência com disciplinas que estimulassem a reflexão.

Quanto ao conhecimento acerca das Diretrizes Curriculares do curso de Pedagogia, 70% das entrevistadas afirma conhece-las – portanto, tem algum conhecimento da necessidade de se estimular, entre outras coisas, a criticidade dos futuros educadores.

Dos alunos em questão, 30% considera as disciplinas de filosofia difíceis, podendo se considerar a possível intersecção destes com a parcela de alunos (56,8%) que nunca tiveram contato com disciplinas para formação de consciência crítica.

---

<sup>5</sup> Considerando neste número a descrição de idade e gênero.



Os dados a seguir dizem respeito à experiência do aluno com as disciplinas de filosofia dentro da faculdade, cujas perguntas diziam respeito à filosofia como estímulo à reflexão crítica e à consciência cidadã, contribuição para a formação como educador e instrumento para a prática docente.

Os números apresentados sugerem que os alunos tenham percebido o papel dos estudos da filosofia para sua formação docente, isto porque, no que diz respeito aos estudos de filosofia na faculdade, todos os entrevistados responderam afirmativamente quanto à estimularam sua prática de reflexão crítica, estimularam sua consciência cidadã e contribuírem para a sua formação como educador, no que diz respeito a considerar a reflexão filosófica como instrumento para a prática docente 95% concordou com tal asserção.

Por fim, para 81% dos respondentes cursar filosofia mudou sua visão sobre a disciplina – o que significa dizer que para além daqueles que tiveram um primeiro contato com a contestação filosófica apenas na faculdade (56,8%) há uma parcela daqueles que estudaram filosofia no ensino médio que, ainda assim, modificaram sua visão a respeito da mesma.

### **Conclusão**

Os dados analisados não confirmam a hipótese inicialmente aventada, qual seja, que os estudantes de pedagogia não observam as disciplinas filosóficas como importantes na sua formação, pois, haveria pouca contribuição delas.

Ao contrário do esperado apontam para um reconhecimento da contribuição dos estudos de filosofia, em que pese as dificuldades, tais como, estudos realizados na educação pública, inexistência, para a maioria, de disciplinas de estimulação crítica anterior, considerável dificuldade da disciplina.

Assim, as disciplinas filosóficas ministradas, no contexto analisado, cumpriram com sua função de preparar educadores mais críticos e reflexivos. Entretanto, segundo Falcão (1989), “[...]aprendizagem é uma modificação relativamente duradoura do comportamento, através de treino, experiência, observação[...]”, ou seja, apesar do êxito apresentado é necessário o fomento a este senso crítico.





Para Oliveira (2004), “talvez seja a Filosofia exatamente a inimiga mais ferrenha da indústria cultural e do decorrente processo de semiformação que se instaura a partir do consumo dos seus produtos”. Ou seja, o fomento em questão deve-se contrapor-se veementemente à sociedade de consumo proposta e ajudar, no mínimo, ao exercício da cidadania através de escolhas mais conscientes e refletidas, e efetivamente a uma prática docente mais criativa e estruturada vez que não se pode ensinar filosofia tomista ou maiêutica socrática por mera erudição do espírito, mas, temos que ensinar, por exemplo, o que significa a prática da maiêutica e como esta metodologia tende a ser enriquecedora e atual.

Para Ceppas (2004):

Quando se trata do ensino de Filosofia, valeria perguntar se um fenômeno tido como um dos maiores obstáculos para a reflexão (e que, talvez, pudesse ser um de seus maiores aliados), a cultura contra-escolar do jovem não se funda justamente em uma desconfiança básica frente ao “discurso interminável” da argumentação, da reprodução do conhecimento, desconfiança que, entranhada na cultura, é reforçada pela própria escola, pelos seus métodos de estudo, seu sistema de avaliação, sua compartimentalização dos saberes e a distinção fundamental que marca seus rituais e até mesmo sua arquitetura, aquela entre o “estado do estudante” e o “estado de esquina da rua”.

Assim, para estimular o senso crítico através de disciplinas eminentemente teóricas é necessária uma postura inovadora do professor, que deve possibilitar ao aluno, através de sua perspectiva e conhecimentos, trilhar o seu próprio caminho para a conscientização.

#### Referências Bibliográficas:

AMARAL, Ana Lúcia. Significados e contradições nos processos de formação de Professores. In: DALBEN, Ângela. *et al.* (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de A. MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

CEPPAS. Filipe. Anotações sobre a “formação filosófica” no Brasil e o ensino de filosofia. In: GALLO, Silvio. DANELON, Márcio. CORNELLI, Gabriele (orgs). **Ensino de Filosofia: teoria e prática**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004 Ujuí/RS: Unijui, 2004.

FACULDADE MAX PLANCK. **Comissão de Avaliação Permanente**. Indaiatuba, 2012.



\_\_\_\_\_. **Comissão de Avaliação Permanente.** Indaiatuba, 2013.

\_\_\_\_\_. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Indaiatuba, 2013.

FALCÃO, Gérson Marinho. **Psicologia da aprendizagem.** São Paulo: Editora Ática. 5ª edição. 1989.

GAUTHIER, C. et al. Por uma Teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998, *apud* AMARAL, Ana Lúcia. Significados e contradições nos processos de formação de Professores. In: DALBEN, Ângela. *et al.* (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.** Parecer CNE/CP nº 5, de 13 de dezembro de 2005. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf). Acessado em: 30/01/14.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O que é uma comissão permanente de avaliação.** Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13122:1-o-que-e-uma-comissao-permanente-de-avaliacao-cpa&catid=127:educacao-superior](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13122:1-o-que-e-uma-comissao-permanente-de-avaliacao-cpa&catid=127:educacao-superior). Acessado em: 31/01/14.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.** Parecer CNE/CP nº 3, de 21 de fevereiro de 2006 Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2005. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf). Acessado em: 30/01/14.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento – 8ª edição - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NASCIMENTO, Wanderson F. **Filosofia e autonomia:** possibilidades? In: GALLO, Silvio. DANELON, Márcio. CORNELLI, Gabriele (orgs). **Ensino de Filosofia:** teoria e prática. Ujuí/RS: Unijui, 2004.

OLIVEIRA, Paulo R. **Filosofia:** em todo e nenhum lugar. In: GALLO, Silvio. DANELON, Márcio. CORNELLI, Gabriele (orgs). **Ensino de Filosofia:** teoria e prática..Ujuí/RS: Unijui, 2004

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas Brasil.** Disponível em: [http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_print/indaiatuba\\_sp](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_print/indaiatuba_sp). Acessado em 30/01/14.

SAVIANI, Demerval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.

SOUZA, Sonia M<sup>a</sup>. R de. A filosofia no ensino médio: uma (re) leitura a partir dos PCNs. In: GALLO, Silvio. DANELON, Márcio. CORNELLI, Gabriele (orgs). **Ensino de Filosofia:** teoria e prática. Ujuí/RS: Unijui, 2004

**Anexo I** Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

1 - Estudou em escola: Pública ( ) Particular ( )

2 - Seu contato com a disciplina de filosofia ocorreu: Na escola ( ) Na faculdade ( )

3 - Caso não haja estudado filosofia na fase escolar, houve outra disciplina que estimulasse o pensar?

Sim ( ) Não ( )

(caso haja estudado filosofia na fase escolar passe para a próxima pergunta)

4- Conhece as Diretrizes Curriculares do curso de Pedagogia? Sim ( ) Não ( )

5 - Considera as disciplinas de filosofia: Difíceis ( ) Intermediárias ( ) Fáceis ( )

6 - Seus estudos de filosofia na faculdade estimularam sua prática de reflexão crítica? Sim ( ) Não ( )

7 - Seus estudos de filosofia na faculdade estimularam sua consciência cidadã? Sim ( ) Não ( )

8 - Para você, seus estudos de filosofia contribuíram para a sua formação como educador? Sim ( ) Não ( )

9 - Considera que a reflexão filosófica seja uma instrumento que auxilia sua prática como educador?

Sim ( ) Não ( )

10 - Após cursar filosofia mudou sua visão sobre esta disciplina? Sim ( ) Não ( )